

O BRINCAR DA CRIANÇA SURDA, FILHA DE PAIS OUVINTES, NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL¹.

Wilma Pastor de Andrade Sousa (UFPB/FACHO)²

INTRODUÇÃO

Através do brincar a criança compreende sua sociedade e sua cultura, pois elas são portadoras de seus valores e permitem, ao mesmo tempo, a construção de significados e interpretações sociais que se adaptam às diversas realidades. Assim, investigar o brincar da criança surda proporciona uma melhor compreensão dos aspectos relacionados à cultura que tem influenciado a criança surda a partir da Educação Infantil.

Durante as aulas de Orientação de Estágio Curricular Supervisionado em Prática de Ensino, ministradas a estudantes de Educação Especial do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda-FACHO, sucessivas discussões acerca do estágio com crianças surdas permearam nossos encontros. Tais discussões geradas em sala de aula instigaram-nos, juntamente com algumas alunas, a ampliar nossa discussão extrapolando o espaço da sala de aula e enveredando pela pesquisa científica, como forma de aprofundar ainda mais os conhecimentos até então construídos. Essa ação ocorreu baseada em uma prática pedagógica que tem como objetivo minimizar as barreiras e ampliar as fronteiras de diferentes áreas do conhecimento, na medida em que entendemos a importância da efetividade do tripé que sustenta a Universidade: Ensino-Pesquisa-Extensão.

Dentre as muitas discussões destacamos o fato de a grande maioria dos surdos, cerca de 95%, ser filhos de pais ouvintes, motivo pelo qual nos levou a pensar na influência da cultura ouvinte para com essas crianças surdas no tocante ao brincar. O interesse por esse trabalho surgiu, portanto, a partir de alguns questionamentos que fomentaram nossas discussões, tais como: de que forma as crianças surdas brincam? Com base em que cultura as crianças surdas filhas de pais ouvintes elaboram as representações sociais durante suas brincadeiras? Partimos, pois, de uma pergunta que se constitui como elemento norteador deste trabalho: como a criança surda, filha de pais ouvintes, encena os papéis sociais durante as brincadeiras na Educação Infantil? Com isso, iniciamos encontros sistemáticos pautados em aprofundamento de discussão acerca de textos lidos previamente, orientações sobre o trabalho científico, suas regras e peculiaridades.

Para esse fim, investigamos uma turma de Educação Infantil em uma Escola para Surdos. A escolha dessa escola se deu, em primeiro plano, por ser campo de estágio dos graduandos em Pedagogia com habilitação em Educação Especial dessa Instituição de Ensino Superior e, em segundo, por ser constituída apenas por uma população de estudantes surdos, razão pela qual as brincadeiras fluem naturalmente e sem barreiras entre elas.

Levantamos a hipótese inicial de que **o brincar da criança surda, filha de pais ouvintes, é pautado na cultura ouvinte, principalmente durante as encenações feitas nas brincadeiras de faz-de-conta**. Para constatar a nossa hipótese tivemos como objetivo geral analisar a forma como as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, brincam no contexto da Educação Infantil; além de, identificar os tipos de brincadeiras utilizadas pelas crianças surdas na Educação Infantil e descrever a maneira como as crianças surdas brincam com os seus pares.

¹ Estudo Financiado pelo Programa de Incentivo à Produção Científica da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda-FACHO. Alunas bolsistas colaboradoras: Nathália Cunha de Oliveira e Sandra Maria Fernando Damasceno.

² Professora do Curso de Pedagogia da FACHO. Mestra em Letras/Linguagem e Ensino pela UFPB. Doutoranda em Linguística pelo Proling da UFPB. wilmapastor@gmail.com

É importante ressaltar que neste trabalho concebemos o brincar como uma atividade essencial da infância, em função da inter-relação de processos envolvendo a cognição, a linguagem e os aspectos culturais adquiridos através da memória de situações percebidas e vividas. Bem como, consideramos aqui os termos: brincar, jogar, brincadeira e jogo como sinônimos, e no caso do brinquedo, conforme define Kishimoto (1996), o objeto de suporte do brincar.

Assumimos nesse estudo a abordagem sócio-interacionista com base nas proposições de Vygotsky (2000), assim como nas contribuições de autores que têm pesquisado acerca do brincar seja com ouvintes, a exemplo de Kishimoto (1996) e Brougère (1995; 2002), seja com surdos como Porto (2003), Góes (2002) e Silva (2002).

Acreditamos que esse trabalho contribui para a área da Educação na proporção em que ajudará o professor, principalmente o da Educação Infantil, a repensar sua prática pedagógica quanto às representações sociais construídas pelas crianças surdas durante as atividades lúdicas, notadamente aquelas crianças que são filhas de pais ouvintes.

1 DESENVOLVIMENTO

O brincar é indispensável para toda criança, independente da sua condição sensorial, física, ou social. Segundo Vygotsky (2000), o brincar estimula a representação, a expressão de imagens, que evoca aspectos da realidade. Essas representações têm como base o meio sociocultural no qual a criança está envolvida. Isso nos leva a pensar na criança surda que nasce imersa em uma cultura de ouvinte, pois segundo Brougère (1995), brincar é uma atividade com significado social que precisa ser aprendida e não uma ação interna do ser humano e o brinquedo é um objeto que traz em si uma realidade cultural, uma visão de mundo da criança. Para Almeida (1990), o brinquedo faz parte da vida da criança, pois simboliza a relação pensamento-ação e, sob esse ponto, provavelmente constitui a matriz de toda atividade lingüística, ao tornar possível o uso do pensamento e da imaginação externalizando-os para a fala.

Brougère (1995) nos mostra que o jogo tem uma cultura preexistente, que se divide em dois ângulos: uma cultura geral que abrange os pré-requisitos e uma outra específica relacionada a cada jogo. O objetivo maior do jogo é entrar na cultura específica e aprendê-la, entretanto, antecedendo esta ação, precisamos conhecer a cultura geral, pois “quando se brinca se aprende antes de tudo a brincar.” (BROUGÈRE, 2002, p. 23).

Para Góes (2002), ao recriar suas vivências cotidianas, a criança traz para o brincar critérios que marcam os modos culturais de atividade e de relações interpessoais. Dessa forma a situação imaginária é constituída a partir do que a criança observa e conhece cotidianamente, ou seja, através de vivência direta ou do que é mostrado, dito por outros e percebido por ela. Com isso, a criança surda filha de pais ouvintes adquire paulatinamente através do brincar significados socialmente construídos em uma cultura diferente da sua, uma vez que a cultura é atravessada pela língua e vice versa.

Ao defender a existência de uma cultura lúdica Brougère (2002) diz que a cultura lúdica envolve a criança no jogo utilizando recursos de sua cultura, considerando que a cultura ouvinte não é a mesma que a cultura surda, assim como a cultura lúdica do Brasil não é a mesma de Israel, e a cultura lúdica de Pernambuco não é igual a do Rio Grande do Sul, porque cada lugar tem sua cultura preexistente. A criança surda filha de pais ouvintes adquire, desde o nascimento, uma cultura lúdica que propõe atividades muitas vezes incompatíveis com a sua condição sensorial, pois de acordo com Goldfeld (1997), a surdez se caracteriza por uma privação sensorial cujas consequências não se limitam às dificuldades auditivas, refletindo-se em aspectos lingüísticos, emocionais, educacionais, sociais e culturais.

Construímos nossa cultura a partir de um conjunto de experiências, assim, a cultura lúdica começa a ser formada desde o momento em que nascemos. As brincadeiras realizadas pela mãe e/ou família com o bebê já fazem parte do processo de construção da cultura lúdica dessa criança, assim como os jogos nos quais as crianças observam outras crianças brincando e logo se inserem no mesmo contexto.

Vygotsky (2000) defende que a atividade lúdica implica a presença de regras e de ações imaginativas, ainda que esses componentes não estejam igualmente envolvidos em diferentes modalidades de brincadeiras. “O jogo mantém relações profundas entre as crianças e as faz aprender a

viver e a crescer conjuntamente nas relações sociais.” (ALMEIDA, 1990, p. 37). Esse crescimento se dá a partir de regras preestabelecidas socialmente e as quais variam de cultura para cultura.

No caso da criança surda entendemos que o faz-de-conta representa muito mais, a integração no mundo das brincadeiras das crianças ouvintes. A criança entra no jogo do faz-de-conta a partir do mundo que está ao seu entorno. Esse conhecimento de mundo para a criança surda, entretanto, é quase sempre pautado por vivências culturais do mundo ouvinte, visto que, a cultura ouvinte é a cultura majoritária que a rodeia. Conseqüentemente, as representações sociais durante o brincar costumam estar enraizadas no modelo dado pelo ouvinte, baseado, portanto, em uma língua que não lhe é naturalmente acessível: a língua oral. Com isso, percebemos na nossa experiência com essas crianças que suas brincadeiras passam por repetidas imitações de modelos copiados do ouvinte.

Temos em Kishimoto (1996) a afirmativa de que o jogo na Educação Infantil, ou seja, o brincar significa transportar para o campo de ensino-aprendizagem condições para a construção do conhecimento. Introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer e da capacidade de iniciação, dentre outras. Corroborando essa idéia, Silva (2002) defende que através da experiência lúdica a criança surda amplia suas possibilidades de compreensão dos objetos e acontecimentos no mundo e encontra momentos, na fantasia, para compreendê-lo e incorporá-los emocionalmente. Construindo, assim, seu conhecimento, no entanto, esse conhecimento de mundo muitas vezes se distancia da sua cultura à medida que se dá em outra língua.

Portanto, segundo Porto (2003), para poder entrar no universo da brincadeira, é necessário que o indivíduo, seja criança ou adulto, partilhe da cultura lúdica. Entretanto, comumente observamos formas de brincar que parecem frustrar a criança surda, notadamente aquelas filhas de pais ouvintes, dada a sua condição sensorial. A exemplo disso apontamos o brincar de ser cantor, atividade tão comum nas brincadeiras de faz-de-conta, principalmente na Educação Infantil que usa a música como forma de facilitar o ensino-aprendizagem.

Método

Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva, a qual, devido a sua natureza, assume a forma de estudo de caso sendo o modelo de amostra transversal. Para viabilizar a coleta de dados foi feito um levantamento bibliográfico e em seguida optamos pelo estudo de campo realizado no período de maio e junho de 2008. Foram feitas sete observações semanais, com duração de três horas cada. Na sala de aula de Educação Infantil e no *hall* da escola no momento do recreio. Além de uma filmagem feita no *hall* da escola por ocasião da festa de encerramento do semestre, com duração de dois minutos e dezoito segundos.

Essa pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Filantrópica para Surdos, localizada na cidade de Olinda-PE. O local da coleta ocorreu na sala de Educação Infantil e no *hall* da escola durante o período de recreio das crianças. A população estudada foi constituída por seis crianças surdas, na faixa etária de três a cinco anos de idade, filhas de pais ouvinte. A condição de surdez dessas crianças enquadra-se entre o grau severo a profundo³. São crianças com surdez congênita, ou seja, já nasceram surdas. A escolha dessa população se deu em virtude de uma das habilitações oferecidas pelo Curso de Pedagogia da FACHO ser na área de surdez, sendo as duas bolsistas colaboradoras dessa pesquisa alunas do Curso de Pedagogia com Habilitação nessa área.

Antes de iniciarmos a coleta de dados pedimos autorização da direção da escola e, através da professora da sala a ser observada, solicitamos uma autorização dos pais e responsáveis das crianças mediante leitura e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um Diário Etnográfico a partir da observação espontânea não estruturada, no qual foram registradas todas as observações feitas durante as aulas e atividades recreativas no *hall* da escola. Posteriormente, foi feito um recorte, o qual destacamos em negrito, apenas dos momentos em que havia atividades lúdicas. Além de uma filmagem durante uma atividade recreativa direcionada pela professora no *hall* da escola, por ocasião

³ Nos exames audiológicos realizados para identificar a perda auditiva a intensidade sonora é medida por uma escala em decibel (dB) na qual, segundo Davis e Silverman (1970 *apud* FROTA, 1998, p. 51), o grau de surdez de uma pessoa é determinado da seguinte forma: leve, a audição está rebaixada entre 21 a 40dB; moderada, a perda da audição está na faixa de 41 a 70dB; severa, a perda atinge entre 71 a 90dB e profunda, a perda está acima de 91dB.

da festa de encerramento do semestre. No momento da filmagem contamos com a colaboração da professora de Educação Infantil, no sentido de solicitar algumas brincadeiras às crianças e interpretar suas falas e reações, uma vez que ela é bilíngüe. Com isso, foi possível fazer as anotações da professora para posterior análise do que fora dito na ocasião.

Resultados e discussão dos dados

A partir dos dados coletados durante a pesquisa foi feita a análise com base em um procedimento metodológico amparado na perspectiva qualitativa e etnográfica. Contamos, ainda, com o respaldo da bibliografia lida anteriormente quando da construção do marco teórico.

2 PERFIL DA ESCOLA E DA SÉRIE OBSERVADA

A escola foi fundada em 1998 com o objetivo de servir de campo de estágio para os estudantes de Pedagogia da FACHO, com habilitação em Educação Especial. Trata-se de uma escola filantrópica tendo como mantenedora a Associação Instrutora Missionária da ordem Beneditina. A referida instituição funciona unicamente no período matutino, no horário das 07h30min às 11h30min. Dispõe de três salas de aula, Assim distribuídas: Educação Infantil, primeira série e segunda série do Ensino Fundamental. Seu corpo docente é formado por professores graduados em Pedagogia e alguns pós-graduados em Educação Especial. Cada sala tem uma professora ouvinte com conhecimento da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e nas salas de Educação Infantil e primeira série tem uma instrutora surda. Uma das professoras também é responsável pela gestão escolar. Quanto aos aspectos físicos, apresenta boa instalação, com salas amplas, além de um acervo de material didático específico para o trabalho com crianças surdas.

Com relação à sala observada, esta é composta por seis alunos, na faixa etária de três a cinco anos de idade. A professora ouvinte é bilíngüe e mantém um excelente nível de comunicação com os alunos. O corpo discente predominantemente é formado por uma população de baixa renda moradores da cidade de Olinda-PE. Todos os alunos são filhos de pais ouvintes e apresentam surdez neurosensorial de grau predominantemente de severo a profundo.

Análise e discussão das observações feitas na sala de Educação Infantil e no hall da escola:

As crianças realizavam atividades sistemáticas com um instrutor surdo, visando, principalmente, a aquisição da LIBRAS e a possibilidade de identificação positiva com modelos de surdos adultos. A professora ouvinte demonstrou grande desenvoltura na LIBRAS, motivo pelo qual a comunicação fluía sem problemas entre professor e aluno. Entretanto, não foram observadas durante as visitas feitas atividades lúdicas desenvolvidas pelas crianças em sala de aula, nem de forma espontânea nem promovida pela professora. Podendo ter ocorrido em dias em que não estávamos presente. Tais atividades só foram verificadas por ocasião do recreio no *hall* da escola. Em todas as observações feitas durante as atividades lúdicas foi possível perceber que as crianças aproveitavam integralmente o tempo do recreio para brincar, isso pode ser evidenciado nos recortes a seguir.

Diário 01 (...)Na hora do recreio, os alunos sempre brincam. As meninas adoram pular corda, a maioria dos meninos joga bola e as outras crianças brincam com jogos de encaixe(...).

Pudemos observar durante as brincadeiras constantes nesse recorte que a forma de brincar das crianças surdas não é diferente das crianças ouvintes, as regras são as mesmas, apenas a comunicação se dá na LIBRAS. Conforme aponta Silva (2002), a criança com surdez brinca da mesma forma que as outras, a diferença está na maneira de se comunicar. Não há, portanto, uma adaptação na forma de brincar.

Diário 02 (...) Após a realização dos desenhos, os alunos lancharam e se dirigiram ao hall da escola para brincar, algumas crianças brincaram de amarelinha, outras com jogos de encaixe, entretanto, a grande maioria se concentrou na brincadeira de pular corda (...).

Diário 03 (...) Após o lanche, as crianças brincaram no hall da escola. As meninas gostam muito de pular corda, os meninos de jogar futebol. Algumas vezes as crianças brigaram entre si, assim como fazem os ouvintes (...).

Apesar de as meninas demonstrarem preferência pela brincadeira de pular corda, percebemos que os jogos de encaixe estão sempre presentes nas atividades lúdicas. Acreditamos que isso ocorre devido ao fato de que, além dos movimentos físicos, a criança ao brincar com tal objeto passa a exercitar intencionalmente movimentos motores mais específicos, utilizando para isso as mãos. De acordo com Almeida (1990), os exercícios motores dos músculos amplos e finos,

passam a ser dirigidos e aplicados segundo uma ordem “intencional”, provocando-lhe manifestações psicomotoras que são expressões do simbolismo representado na mente. Considerando que a língua de sinais necessita dos movimentos das mãos para ser falada, através das atividades de exercício psicomotor provavelmente as crianças surdas são consequentemente estimuladas a falar em LIBRAS.

Diário 04 (...) Novamente as mesmas brincadeiras e os mesmos brinquedos foram utilizados por essas crianças, visto que pularam corda, jogaram bola e brincaram de amarelinha e também com os brinquedos de encaixe (...).

No decorrer das observações feitas nos diários de 01 a 04, vimos que as brincadeiras mais vivenciadas por essas crianças são: pular corda, amarelinha e jogar bola. Segundo Almeida (1990), por volta dos três a cinco anos de idade, as crianças preferem os jogos em que seu corpo está em movimento, pois se sentem bem quando podem se movimentar e essa movimentação do corpo torna seu crescimento físico natural e saudável. Atividades como pular, correr, pintar, desenhar, rasgar, entre outras, desenvolvem e estimulam os movimentos finos necessários para a incorporação ao processo de alfabetização. Ao que pudemos perceber com as crianças surdas essa realidade não é diferente.

Diário 07 (...) Ao final dessa comemoração foi realizada uma filmagem, que contou com a participação de três alunas da Educação Infantil. Na ocasião foi pedido para que realizassem três atividades de faz-de-conta, sendo elas: imitar um cantor, simular que está falando ao telefone e brincar de esconde-esconde (...).

Conforme registro feito o faz-de-conta possibilita ir além do real, nesse imaginário podemos vivenciar situações que extrapolam a nossa condição física ou sensorial, para Silva (2002), a pressão do mundo ouvinte é grande sobre a criança surda e ela quer entendê-lo. Uma das formas de fazer isso é brincando, elas gostam muito de brincar com situações que as fazem sair da condição de surdas, como atender telefone e ouvir rádio.

Segundo Vygotsky (2000), não há distância entre fantasia e realidade. No brinquedo, a criança se projeta nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim, o brinquedo antecipa o desenvolvimento da criança. Durante a brincadeira, todos os aspectos importantes da vida da criança tornam-se tema do jogo. Silva (2002), segue a mesma linha de pensamento do autor citado ao dizer que a brincadeira é uma função assimilativa do eu e possibilita a criança a transformar a realidade de acordo com sua exigência emocional. Acreditamos que o brincar proporciona experiências essenciais e é fundamental para o desenvolvimento físico, social, emocional e intelectual da criança, seja ela surda ou não.

3 Análise da filmagem

A filmagem teve uma duração de dois minutos e dezoito segundos, objetivando observar a forma como as crianças surdas constroem as encenações de faz-de-conta durante as brincadeiras na Educação Infantil. Neste sentido, foram escolhidos aleatoriamente três alunos surdos da Educação Infantil para participar das atividades.

Sugerimos a professora que solicitasse das crianças três atividades, sendo a primeira para cantar, a segunda para falar ao telefone, simulando uma ligação, e a última para brincar de esconde-esconde. Contamos com a participação indireta da professora destas crianças que interpretou o que se pediu em cada atividade.

Na primeira atividade, foi pedido para que as crianças fizessem de conta que eram cantores e cantassem uma música. Inicialmente elas demonstraram insegurança, todavia, logo em seguida começaram a se balançar e depois aproximaram a mão da boca, como se estivessem segurando um microfone emitindo sons ininteligíveis, sendo que uma delas repetiu lá-lá-lá por alguns segundos.

A segunda atividade, a conversa ao telefone, foi feita com bastante convicção, por duas das três participantes, pois havia uma meio desnorteada nessa atividade. O curioso é que todas fizeram um gesto elevando uma das mãos para o lado direito da face, tendo o dedo mínimo estendido próximo à boca, o polegar estendido próximo ao ouvido e os demais dedos flexionados. Ou seja, gesto comum a qualquer ouvinte quando se está falando ao telefone.

Para finalizar a filmagem, foi solicitado às crianças que elas brincassem de esconde-esconde. Uma criança encostou a cabeça na parede e escondeu o rosto e ficou em silêncio, enquanto que as outras duas foram procurar um esconderijo. A primeira criança que deveria contar apenas demorou um pouco com a cabeça encostada na parede, virando-se em seguida à procura das outras crianças, que não tinham se escondido ainda. A criança olhou para suas colegas e, em LIBRAS, pediu para que elas

se escondessem. Novamente a primeira criança voltou a esconder o rosto na parede para contar. A professora, na tentativa de ajudá-la, explicou que deveria contar nos dedos os números de 01 até 10 enquanto as outras deveriam se esconder, no entanto, a criança pareceu não gostar da idéia e apenas abaixou a cabeça movimentando rapidamente os dedos.

Percebemos que em todas as atividades de faz-de-conta as crianças pareciam ignorar a condição sensorial, elas sempre imitavam os ouvintes. Apesar de estar em uma escola especial para surdos e de ter contado com surdo adulto, uma instrutora, ao brincar elas não tiveram um comportamento de acordo com a cultura surda. Não se sabe, contudo, se uma criança surda filha de pais surdos teria a mesma reação ads crianças pesquisadas, ou se, no caso do telefone, por exemplo, simularia que estava lendo ou enviando uma mensagem, atitude que estaria condizente com a cultura surda em função da modalidade da língua de sinais ser espaço-visual. Para Brougère (2002), a cultura lúdica envolve a criança no jogo utilizando recursos de sua cultura, logo, se a cultura dessas crianças até então foi predominantemente a de ouvintes, parece natural que seja com base nessa cultura que elas construam suas representações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que no processo da Educação Infantil o papel do professor é de suma importância, pois é ele quem cria os espaços, disponibiliza materiais, participa das brincadeiras, ou seja, faz a mediação da construção do conhecimento. O professor deve contemplar a brincadeira como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando às manifestações corporais encontrarem significado pela ludicidade presente na relação que as crianças mantêm com o mundo.

Acreditamos que se faz necessário um investimento maior da escola voltado para espaços de convivência que extrapolem a sala de aula, nos quais as crianças possam ter contado com seus pares e com surdos adultos. Tendo como referência um outro surdo, a criança surda provavelmente construirá suas representações sociais com base na sua cultura. Isso é importante porque os valores culturais estabelecem âncoras para a construção de representações e estas estão presentes desde muito cedo na vida do indivíduo.

De acordo com os nossos resultados não foi visto nenhuma atividade lúdica durante as aulas no período em que estávamos observando, as crianças só desenvolveram alguma atividade voltada para o brincar no momento do recreio no *hall* da escola.

Percebemos que as crianças surdas da Educação Infantil brincam de igual forma que as crianças ouvintes, sendo suas brincadeiras mais constantes: jogos (dominó, memória, cartas e quebra-cabeça) pular corda, amarelinha, bola e esconde-esconde. É importante ressaltar que identificamos uma preferência maior para as brincadeiras que exigem movimento do corpo. Quanto ao faz-de-conta, as crianças demonstraram muita desenvoltura, expressaram alegria em desenvolver as atividades solicitadas, envolvendo-se nas brincadeiras como se fosse realidade.

Não registamos nenhuma brincadeira ou forma de brincar diferente das desenvolvidas pelas crianças ouvintes, com isso, confirmamos nossa hipótese inicial de que o brincar da criança surda, filha de pais ouvintes, é pautado na cultura ouvinte, principalmente durante as encenações feitas nas brincadeiras de faz-de-conta. Isso foi evidenciado tanto nas observações como durante a filmagem. Visto que, as crianças entraram no mundo imaginário com base no modelo do ouvinte, fato observado nas atividades de imitar um cantor; simular que está falando ao telefonema e brincar de esconde-esconde, cuja brincadeira tem como regra a contagem de uma série numérica em voz alta para que os demais participantes se escondam.

Essa constatação levou-nos a outras indagações, tais como: será que o brincar das crianças do Ensino Fundamental também sofre influência da cultura ouvinte? Será que as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, na proporção em que vão crescendo desenvolvem uma forma de brincar diferente das crianças ouvintes em função da privação da audição? Será que o brincar da criança surda filha de pais surdos não sofre influência da cultura ouvinte? Deixamos essas inquietações como propostas para futuros estudos uma vez que reconhecemos a limitação da amostra aqui apresentada. Sugerimos, ainda, que seja feita entrevista com os professores para posterior transcrição e análise, bem como, filmagem dentro e fora da sala de aula. Contudo, esse procedimento necessita de um maior tempo para análise dos dados em função da transcrição e da necessidade de um intérprete/tradutor de LIBRAS para maior fidedignidade dos resultados.

Concluímos, portanto, lembrando que o brincar, sobretudo o faz-de-conta, possibilita pensar, sentir emoções, imitar, experimentar, aceitar limites, viver um mundo muitas vezes inacessível, a exemplo de uma atividade que se imagina fazendo, mesmo sem se ter condição física ou sensorial para tal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- BRAGA, A. L. A. et al. (2008) **A criança surda e a atividade lúdica**. Disponível em <<http://www.profala.com/ataudio8.htm>>. Acesso em 20 fev.2008.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. A criança e a cultura lúdica. In Kishimoto, T. (org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.
- FROTA, S. **Fundamentos em fonoaudiologia: audiologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 1998.
- GÓES, M.C.R. **O brincar de crianças surdas: examinando a linguagem no jogo simbólico**. (2002). Disponível em <<http://www.educacaoonline.pro.br>> . Acesso em 05 mar. 2008.
- KISHIMOTO, T.M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1996.
- PORTO, C. L. **Brincadeira ou atividade lúdica?** (2003). Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/jbde/tvtxt3.htm>>. Acesso em 05 mar. 2008.
- GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.
- SILVA, D.N.H. **Como brincam as crianças surdas**. São Paulo: Plexus, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.